

TER RACI DADE

mario chagas

o livro que o leitor e a leitora tem agora em mãos é o terceiro de uma série iniciada por *língua de fogo* e seguida por *água salobra*. depois do *fogo* e da *água*, o poeta apresenta-nos agora a sua poética da *terra* e da *cidade*, imbricados no amálgama *terracidade*. a sequência nos indica de forma bastante clara a existência de um projeto que chega a mais uma etapa com esta publicação.

é possível que quem conheça os livros anteriores aprecie o novo olhar que mario chagas propõe nesse volume, a partir do próprio título da obra. a terra e seus rios, a surpreendente poesia encantada das ruas e avenidas, as populações urbanas, seus ritos e maneiras de estar nas cidades vão povoar os poemas de um poeta atento a todas as possibilidades de novas leituras para os objetos de nosso cotidiano.

esta é também a etapa em que o poeta e o museólogo encontram-se mais estreitamente vinculados nos caminhos da criação. quem já conhece o poeta compreenderá melhor de que forma a atividade do museólogo inspira sua obra poética. por outro lado, quem convive com o museólogo perceberá o quanto a sua atividade profissional é impulsionada por seu olhar de poeta. acredito que ambos, leitores e leitoras deste *terracidade*, encontrarão momentos de grande deleite com a obra que ora se lança.

álvaro marins



TERRACIDADE

mario chagas

copyleft © mario chagas



livro-me-livre

não está autorizado o uso comercial e lucrativo do livro

fotos e imagens: mario chagas. claudia storino. magda chagas. panmela castro. claudio leal cacau. marcia mattos. anônimos.

a fotografia da página 38 apresenta a imagem de jorge caê rodrigues e foi poeticamente atribuída a john mccarthy (*in memoriam*). caso o verdadeiro autor apareça e queira ser identificado será feita uma errata.

revisão: ana gabriela dickstein

projeto gráfico da capa e do miolo: marcia mattos

fontes utilizadas: sanchez slab (latinotype) e riff (estudiocrop)

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C433t Chagas, Mario de Souza, 1956-
Terracidade / Mario Chagas. - Rio de Janeiro :
Espirógrafo Editorial, 2019.
152 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-85-68002-05-6

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD - B869.1

CDU - 869.0-1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331



espirógrafo editorial

<http://espirografo.com.br>

espirografoeditorial@gmail.com

A black and white photograph of a person walking away on a cobblestone path, framed by a torn paper effect. The person is in silhouette, wearing a long coat and walking away from the viewer. The path is made of cobblestones and leads towards a bright, hazy background. The image is presented as if it were a page from a book, with jagged, torn edges on the left and right sides. The overall mood is contemplative and evocative.

TER RACI DADE

mario chagas

*a boca do vulcão krakatoa
possuía mais de 15 mil metros de diâmetro
e cuspiu lava o ano inteiro¹*

*é expressamente proibido tocar nos objetos expostos
ainda que sob o pretexto de pô-los em ordem
tanto mais quanto convém advertir
que alguns dos referidos objetos estão envenenados²*

1 1883. notícia da explosão do vulcão.

2 1882. guia da exposição antropológica brasileira. museu nacional.

sumário

a-present-ação

(frag-ment-ação:po-ética-ret-alhos:

ped-aços-de-v-idas & vindas) 11

a poesia encantada das ruas 22

1ª maldição

2ª maldição

3ª maldição

4ª maldição

5ª maldição

prisão

sem posse

jorge cavalo e dragão i

jorge cavalo e dragão ii

cabimento

rua i

rua ii

óbvio

carnaval

lisboa : terremoto 49

- i. nenhum amor é provisório
- ii. conheço os loucos da cidade
- iii. gaivotas votivas
- iv. estranho o alfacinha

- v. lisboa
- vi. mira
- vii. procurei-me à noite na baixa
- viii. sou a agonia do agora
- ix. américas áfricas áσίας oceánias
- x. madre de deus azulejos
- xi. cruzei (amiga) o atlântico
- xii. pela baixa e pelo alto
- xiii. estala a liberdade
- xiv. ó senhora do olival e da minha vontade
- xv. a dama da imortalidade
- xvi. há uma guitarra cigana

pipocas de viagem 78

balanço

são miguel e lúçifer

museu guimet

museu d'orsay

i. merci/crime

ii. crime/merci

grafites

i. memória de riso alto: literatura de metrô

ii. teatro nacional (trocadero)

iii. teatro nacional (trocadero)

iv. teatro nacional (trocadero)

olhar a janela
olhar a mesma janela
segredo
acordar
escolhas em paris

gueixa 99

ginja em Brasília
i. gueixa e eixo
ii. mãos olhos pés ginja
iii. a gueixa é ginja
iv. olho a gueixa
v. as artes da gueixa
gueixa

poética do entre 112

entre jovens poetas
jasmim do poeta
comício
pedala poesia
no encontro do poema perdido
ismos
ando a esmo

milagre

- i. milagre
- ii. a alegria
- iii. a poética da lágrima
- iv. olho lírios
- v. lívia olha

ouve as cigarras

canção da praça onze 127

canção da praça onze

caboclagem de rios

sinuca de beco

pelas tabelas

cabeça de bronze


ruínas de vila dois rios 146

a-present-ação

(frag-ment-ação:po-ética-ret-alhos: ped-aços-de-v-idas & vindas)

é terra é gaia é deusa é cria alegria fortaleza fertilidade fragilidade
boniteza peito aberto em chamas o poeta chama o poeta é
cartógrafo na cidade na terra nas ruas no é terno no sutil no
concreto o poeta desterra o invisível desterritorializa o óbvio encara
e olha a mulheridade nos afetos estar com você é abraçar fêmea
afetividade em cada uma de nós eu te amo

magda chagas

um traçado
retrato cantado do rio dos rios
das maldições
abençoadas de amor e poesia
poesia que transborda e tudo cabe
poeta de fôlego de fogo água terra e ar 

martha niklaus

a poesia da rua não tem nome
e vamos navegando sem direção
daí vem o poeta com seus desenhos e rasantes
pra dar sentido àquilo que a gente sente

mariana várzea

poeta de corpo e alma
obrigada 

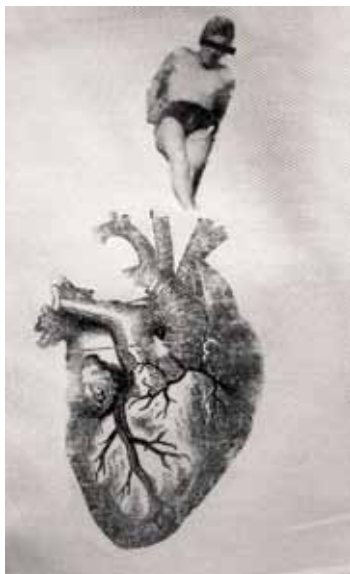
isabel victor

sempre me surpreende sua múltipla capacidade de fazer
poeticamente
tudo o que faz e manter viva sua poesia escrita
receber esses originais para crítica
imagina
é uma honra e um imenso deleite
viva a sua tetralogia poético-cabocla

izabela pucu

feliz de ler seu novo livro de poesias
do melhor que li nos últimos tempos
está bonito amoroso sedutor em seu abraço à cidade e aos seus
personagens
instigante inteligente pronto para voar
uma coincidência
ontem anoiteci escrevendo um pouco sobre a praça onze
onde nasceu e viveu a seresteira do museu ditinha viana
hoje acordei com seu e-mail e encontrei a praça
– fazendo vida e história (como li em algum lugar) e que história –
poetizada com toda força da afrobrasilidade
gostei de verdade
recomendo e presenteio
um livro sobre tudo o que é preciso
ato de extrema poesia e liberdade

maria helena versiani



marcia mattos

vida sem poesia não é vida vivida
destaco pedaços de poesia que me tocaram
poesia misturada poesia a dois
“libertem nosso sagrado/libertem nosso sagrado”
“pedala poesia pedala”
“há uma cigarra gitana vencendo o encanto do inverno”
“estala a liberdade”
“mesmo em dias e noites de chumbo está lá”

denise studart

poiesis
 palavra grega
 palavra amiga
 cria transforma emociona transita
 une
 e tem um nome: mario chagas
 parabéns querido amigo

myrian sepúlveda

peço-te poeta
 roga-me a maldição da tua poesia
 prometo deixar-me explorar pela mais-valia dos poetas
 pelo prazer de vê-lo anunciar a estrofe da loucuramente
 na felicidade do terramoto da luz iansã
 inspiro transpiro respiro transbordo-me em contentamento
 na tua poesia transoceânica
 rogo-te mais maldição poeta

vânia brayner

obra aberta repleta de precisão e luzes
 delira sobre o sonho de ser poeta
 mostra o mundo luso à altura do sempre
 joga com palavras em corte e recorte
 busca o nada em tudo
 o todo pleno de imprecisão e luzes

maria ignez mantovani franco



panmela castro

preciso dizer que estou surpresa
e preciso dizer também que eu não estou surpresa
o amigo talvez saiba com a força devida
que entre vírgulas meu coração teima terroso terreiro desenterrador
territorial
da crítica de terracidade
desenterrando thiago de mello
“que eu seja capaz, puta merda”
vai treinando seus desapegos dos versos
enquanto aguarda a minha (h)umi(l)dade

kátia loureiro

como (p-arte) de seu presente de aniversário
eis meu comentário
flexibilizar dominar brincar jogar criar com palavras
não vejo a hora de estar presente
(de coração e mente – como você diz)
no lançamento do livro

daniela matera

na vida como na morte o caminho de flores
é o que importa
ele só floresce com amor
terracidade é amor no caminho
“em você em mim jazzmim”

simone flores

a poesia e o poeta se mostram e se escondem
num passeio por ruas irregulares
de um território inventado entre o rio
o terremoto e lisboa
ele exagera a poesia
ela está em tudo
porque está em tudo que ele mira
com seu olhar que observa
lê legendas deslê e recria
o fio do poeta é a própria poesia

inês gouveia

poemas que saem das esquinas das bocas dos becos e das vaginas
percorreu as ruas embaçadas de suor vida merda e urina
virou lugares onde a cidade saliente e meliante não conseguia se
esconder
criou o escuro e fez com ele o seu sussurro

inventou sonhos de terras essa velha senhora que não para de
crescer
pulou para fora das cidades pelos cacos de vidro dos muros
sujou os pés de lama preta de mijo e gozo dos quilombos
saltou fez asas com as fuligens das calçadas cheias de terra e
 vaidades
entrou na favela se desdobrou no mar
pelos mares infinitos da mo-cidade

pela pena do mario passou a dança dos povos originários
deixando seus rastros nos museus
onde quase não havia grandes novidades
mostrou os poemas-museus esparramados pelas cidades

nesta terracidade sem jamais descansar
seu poema pula salta brilha e assanha
não quer ter lugar
só quer pulsar

joana ferraz

sei que amei amo e sempre vou amar
e adorei o “crime/merci”
é a cara do museólogo conservador
que espero não representar
e só penso que você fez um grande livro de memórias
uma autobiografia num ir e vir
bem próximo das lembranças

vânia de oliveira

emocionada ao ler o seu livro
foram várias leituras com olhares diferentes
e a cada uma delas parece que me conecto cada vez mais
com as suas palavras e com os trajetos que você constrói
o livro é afetivo e generoso como você
fala de vida poesia e amor
um verdadeiro “amarémoto”

ana gabriela dickstein

os caminhos dos poetas também se fazem ao caminhar
abrindo trilhas em direções diferentes
experimentando as nossas facas
ao desbravar e encontrar com sorte uma clareira
então retomamos a caminhada

angela melim

gosto mesmo é da maldição
passei o livro todo querendo reencontrá-la
às vezes meio no susto outras de forma intencional
eu busquei em cada linha – quase uma obsessão
depois da 5ª eu não encontrei mais
sumiu
talvez tenha se perdido entre lisboa a gueixa e o carnaval
mas reencontrei o zumbido dela nos estouros da pipoca
na praça onze
só então tive medo
afinal “onde houver vida haverá poesia”
isso é mesmo assustador
corri feito louca entre as ruínas “dizem que há muita vida
nas ruínas”
cansei
ler poesia é ler o avesso do antagonico
eu só queria a sua maldição
tá aí
bem que podiam ser 12

marcelle pereira

penso nas escolhas nas possibilidades e nas encruzilhadas da vida
ao ver os fragmentos poéticos descritos nas imagens do seu livro
me perdi nestes pensamentos
quem escreveu? o que estava sentindo?

as poesias geradas pelos fragmentos inscritos nos equipamentos
urbanos

despertaram sensações e me reconectaram com a rua
alertando-me para a necessidade de atenção aos sinais deixados
pelos poetas anônimos que insistem em nos encantar

aparecida rangel

o jovem-velho-poeta-mario-audaz lança-nos a maior e mais
salvadora das armas

a poesia que nos fortalece em tempos de liberdade e gera alegrias
em tempos de maldições

o velho-jovem-menino traz a coragem poética

lança o hálito da esperança e do amor em tempos de dissabor

izabel mieiro

gostei muito da série poesia da rua

me encanta também o que vejo leio e encontro na rua

e suas maldições poéticas me representam

encantador

revisitar a baixa e o alto o rocio e a brasileira

relembrar a boa liz fez mexer em emoções que são do passado

mas me deu saudades de lisboa e da boa liz

a poesia do metrô me presenteia com a frase maravilhosa

“existirá vida antes da morte?”

a série teatro francês me tocou

“a arte somos nós
nossa força e nossa voz”
e por fim o jasmim do poeta é jazzmim
lindo

leiza pereira

lendo
lendo
relendo

tentando compreender – ? – pouco a pouco – a evolução
a transformação o artesanato
o esforço o esforço a busca a dúvida
afinal, o que é isso senão capturar e expor partes de si mesmo
a dúvida a dúvida a dúvida a dúvida ô coisa sofrida a dúvida duvido
dos meus ouvidos

tentando (ainda
sempre) me acostumar com a evolução dos poemas
quando tinha um carinho tão grande por eles poemas-crianças
recém-brotados de uma respiração-inspiração sua
difícil compreendê-los poemas-adolescentes em transformação
desafiando a segurança da página já escrita
difícil pensá-los poemas adultos desabrochados
firmes tremeluzindo fitando nos olhos como se fossem permanecer

a bolha de vidro líquido na ponta do teu sopro cresceu
rodopiou
virou um globo um peixe um cavalo uma flor uma estrela
de vermelha ficou verdeazulamarelafurtacor ficou o que quis ficar
e eu olhando
o bloco de pedra de onde saiu uma sereia um cavaleiro um
medalhão um sino a badalar
e eu ouvindo
a costura a linha o tecido os tecidos pontos pontos pontos de novo
do avesso do direito mas será isso mesmo?
todo dia tanto de você
e eu amando
todo dia

claudia storino

NÃO POSSO SER
A MULHER
DA TUÁ VIDA
PORQUE JÁ SOU
A MULHER
DA MINHA!

a poesia encantada das ruas



1ª maldição

no meio da rua tinha um poema
a prefeitura mandou apagar

o poeta plantou-se no meio da rua
com voz de lua nova anunciou

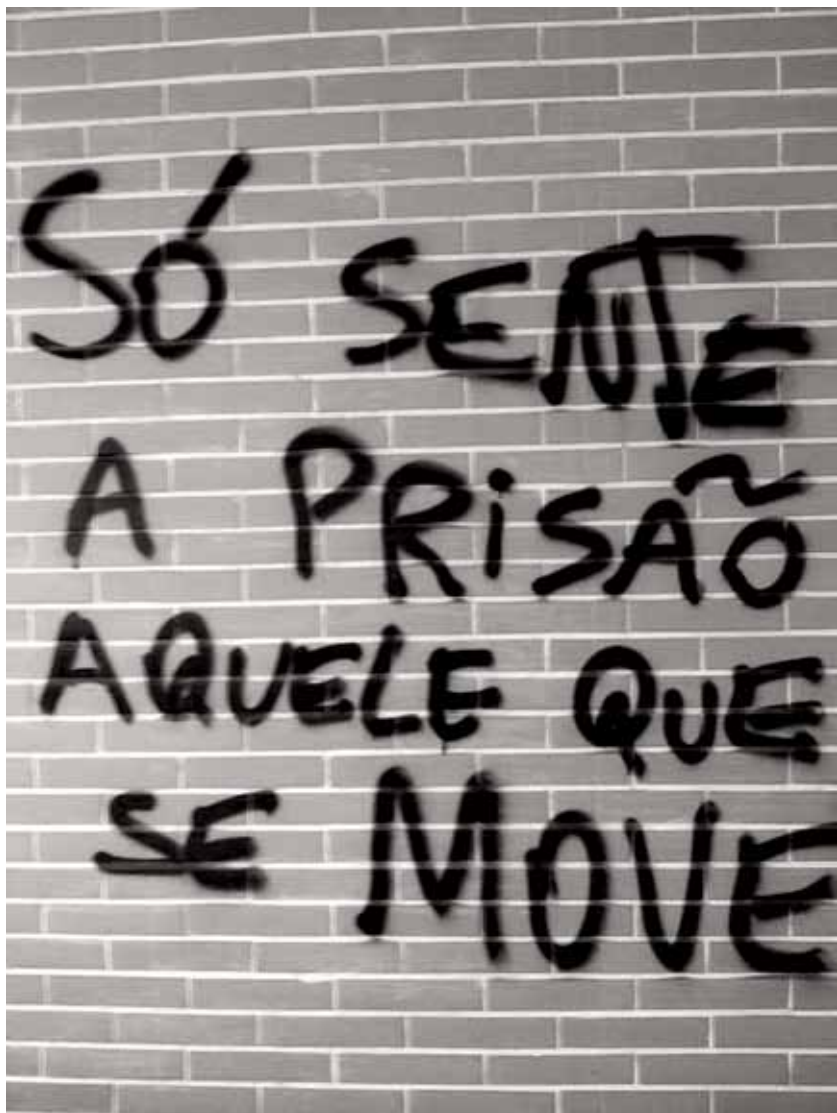
eis minha maldição para os que apagam poemas e poetas
:
todos estão condenados à poesia eterna
ao fogo eterno da poesia



2ª maldição

haverá para sempre poesia
no céu e no inferno e também no purgatório
haverá poesia no paraíso islâmico
no reino de deus dos cristãos
em todas as lokas hinduístas
em todos os ensinamentos teosofistas xamanistas
candomblecistas umbandistas kardecistas evangelistas
e em todos os lugares e templos considerados sagrados

haverá poesia nas encruzilhadas
especialmente nas encruzilhadas
de encruzilhadas é que é feito o mundo
de encruzilhadas é que é feita a vida



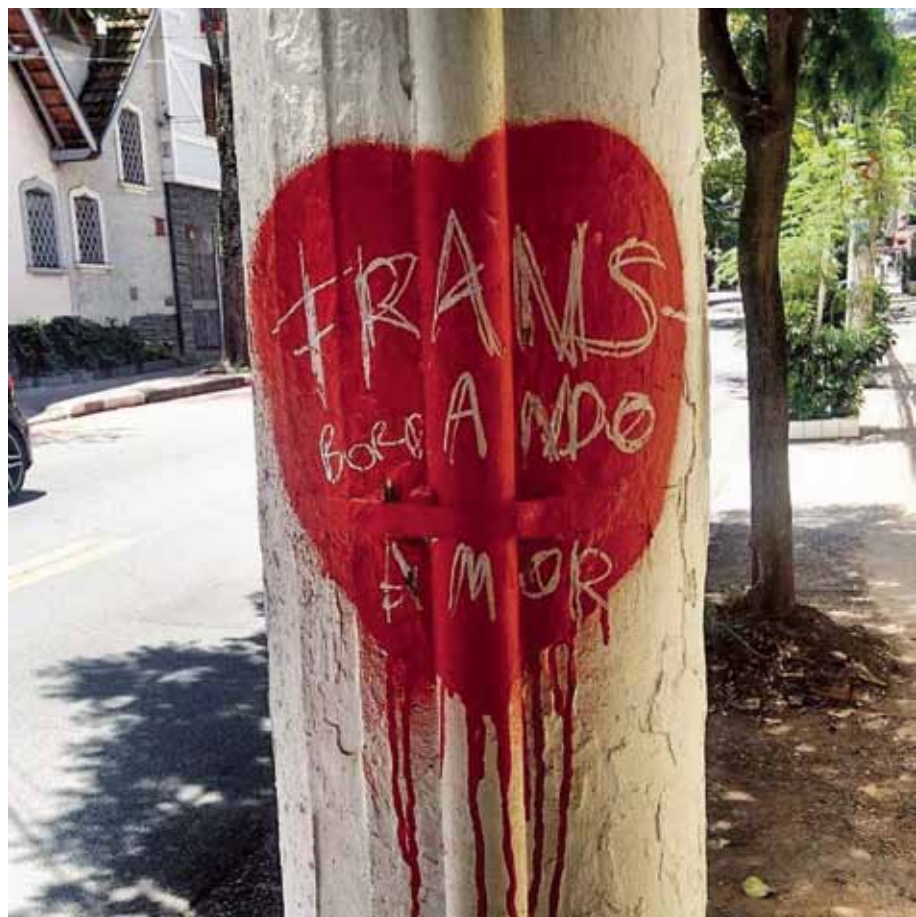
SÓ SENTE
A PRISÃO
AQUELE QUE
SE MOVE

3ª maldição

haverá poesia em passárgada e em catende
em shambala e em shangri-la
em itabira e também em rocha miranda
em cavalcanti e no catete
em paraisópolis e na beira da linha do coque
na aldeia jenipapo kanindé
em almofala na aldeia tremembé
na comunidade quilombola pau-ferro de juazeiro no caetitê
na cova da moura
na villa el nylon
e em todos os bairros e favelas
de todas as cidades do mundo

haverá poesia em todos os antros
nas cidades e nos campos
nos abrigos palafitas e palácios
nas ocas palhoças e barracos
nos sobrados apartamentos e varandas
nas salas cozinhas quartos e banheiros

onde houver vida
haverá poesia



4ª maldição

haverá poesia em todos os vedas
em todos os livros da bíblia
especialmente no livro de salmos e no apocalipse
em todos os sutras e em todas as práticas budistas
em todos os versos do alcorão
em todos os livros considerados sagrados
e mesmo nos livros apócrifos
nas cartas dos mestres
nos livros satânicos
nos textos e práticas de magia

nos livros didáticos
e especialmente nos livros infantis
haverá poesia



5ª maldição

haverá poesia para sempre
em todo o cotidiano
em todas as festas
em todas as experiências religiosas que não dependem de
livros sagrados
e estão ancoradas em tradições transmitidas de boca a
ouvido

no coração no fígado no estômago no pâncreas no cérebro
nos pulmões nos rins nos braços e pernas
nos olhos ouvidos narinas boca língua mãos e pés
na pele e mais ainda na pele
no corpo e em todo o corpo
em todas as zonas erógenas do corpo
nos poros e em todos os poros
nos músculos e em todos os músculos
nos pelos e em todos os pelos

na vida e na morte de todos os seres
haverá poesia
eis a minha maldição

cumpra-se



prisão

a ode
explode a gaiola
e comove a liberdade

sem posse

beijo pé de árvore
poética de folhas
amo o chão

jorge cavalo e dragão i

entre flores cavalo e santo
esconde-se o dragão

entre bolha de sabão e fé
revela-se o sorriso de jorge



jorge cavalo e dragão ii

jorge cavalo e dragão
são a mesma coisa
nos becos do morro do vidigal

cansado de si e da idade
jorgecegovidente
decide dormir

em estado de inverno
odragãotigreesconde-se
ainda com sono e lentidão
ele quer ser feliz

no estábulo
o velho azulego
tem saudades do tempo
em que teve asas



cabimento

o amor não cabe
na câibra
dos gestos

ou no cabide das palavras

cabe
na entrelinha
da canção

rua i

calles del rio
son lechos
de poesía

rua ii

poesía es lo que habita
- entre luz y sombra -
el vacío de los bancos

óbvio



1.

entre profetas
e loucos
a mais valia dos poetas

2.

a profecia se realiza
quando
não se realiza

3.

o bom profeta
(diz o poeta aljor)
não se cumpre

4.

o profeta anuncia a catástrofe
o poeta a estrofe
que explode o cofre





carnaval

rita alfa beta gama
transformada em frida
com flores e pelos em liberdade
não levou nada de mim
deixou-me nas mãos um gosto
de bem te vi
e na boca um gesto
de bem te quero

rita levava grandes flores no cabelo
e morava em madureira
fronteira com cascadura

explodia em cores na rua
suava mel
abelhas rainhas operárias e zangões
visitavam seus braços
seus cantos de mel
e zumbiam e dançavam no céu na terra

às vezes ao lado de uma explosão de cores
eu me surpreendo com os meus cabelos brancos
e tenho um desejo bem grande de bordar



lisboa : terremoto



i. nenhum amor é provisório

nenhum amor é provisório
nem ao se declarar corrompe-se
feliz a cidade que é
feliz e não se dá conta

bem aventurados os que sabem
que a felicidade não vem em gotas
e que querer contar medir e pesar
é deixar de ser feliz

bem aventurados os que amam muito
a eles é dado o poder de comer a razão
de morrer e nascer múltiplas vezes

alucinados eles amam
como quem vai morrer amanhã
e vai renascer amanhã sem dar explicação

ii. conheço os loucos da cidade

conheço os loucos da cidade
e os (dê)lírrios que crescem
em seus cabelos

conheço os pedintes da baixa
e as aves que bicam
suas feridas urbanas

conheço de cor os movimentos
do velho violino tirésias vermelho
do cego da rua augusta

a alma de mário de sá-carneiro
me assombra e me assopra no ouvido
petulância petulância e mais petulância

atrevimento e arrogância
ninguém conhece a arte
a arte só se pode desconhecer

ninguém conhece a loucura
a loucura só se pode
saborear ou dessaber

do prazer e da dor humana
tudo que se sabe é nada
nada é o que se pode saber

iii. gaivotas votivas

gaivotas votivas
saem do espelho do quarto
e atravessam a janela
na direção do azul

gaivotas contra o azul
e contra manchas de branco
fabulam vidros e círculos
e se imaginam donzelas

¿que sabem essas evas
da arte de cevar aves
para depois libertá-las?

¿que sabem as gaivotas
dos votos que fiz pela vida
das janelas e espelhos que abri?



minha adeia e todo mundo
todo mundo me pertence
aqui me encontro e confundo
com gente de todo mundo
que a todo mundo pertence

deus quer
o homem
sonha e obra
nasce

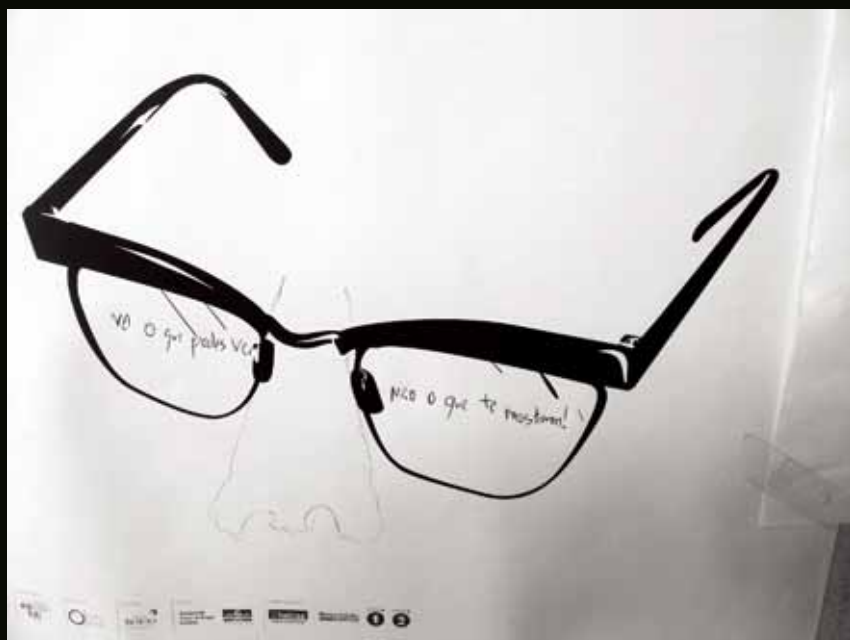
iv. estranho o alfacinha

estranho o alfacinha
correndo apressado
em busca de europas

reconheço o artista estátua
improviso tragicômico
do pensador de rodin

reconheço os turistas que flanam
peles de noite
tarde e neve
olhos de mar folha limo e labaredas

quem dera o alfacinha
risse de si e de mãos
e corpos dados
vestíssemos fatos de carnaval



v. lisboa

lisboa
é sempre
e nunca é
a mesma

tudo é
familiar
e se calhar
tudo é
muito
estranho

(t

e

r

r

e

m

o

t

o)

vi. mira

mira

(diz a criança na praça de espanha)

mira

pássaros
em preto e branco
contra a luz do azulão

além

o sol
a lua
e as gravuras de juan
miró

astros
estrelas
asteriscos
e agruras ibéricas

mira

mira

mira

miró

nas gruas contra o azul



vii. procurei-me à noite na baixa

procurei-me à noite na baixa
repetindo gestos repetindo
procurei-me no bairro alto
repetindo-me na procura
acordei com o coração tranquilo
e a cabeça no colo de uma fêmea
que me pariu de novo

t

e

r

r

e

m

o

t

o

viii. sou a agonia do agora

sou a agonia do agora
e esse olhar da testemunha
ventre aberto
exposto na ágora
ave de bom e mau agouro
carranca
carranca
carranca pousada na proa do barco da vida
e esse olhar da testemunha
eu sou ele
eu sou ele

(tat twam asi)

esse olhar
esse ouvido
da testemunha de vidro
memória incômoda que estala
na viela
no gomo de nuvem
no lume da estrela
nascida do estrume
na água do chafariz

na pedra na madeira e no metal
lembrança adivinhada do passado
oráculo da louca do egito que me habita

(tat twam asi)

eu sou ela
eu sou ela

sou a mãe que agoniza
sou a mãe que desfila
sua loucura na cidade
sou a mãe que abraça e beija
nacos de troncos de árvore
sou a mãe do filho e da filha
torturados e assassinados na favela
sou a mãe que abre com as mãos
o amanhã a aurora e a manhã
senhora da dor e da hora
senhora doadora e adorada
sou a agonia do agora

eu sou ela
eu sou ela

ix. américas áfricas áσίας oceánias

américas áfricas áσίας oceánias
quem se pôs por aí a gozar
lançando teias de cordas
pousando ovos no mar?

américas áfricas áσίας oceánias
quem de tudo quis provar
e em nome do deus e do rei
o império quis dilatar?

américas áfricas áσίας oceánias
quem quis no jogo ganhar
ganhar ganhar e ganhar
quem quis ganhar e ganhar?

américas áfricas áσίας oceánias
será possível apagar
a ignomínia da história
e a memória da europa limpar?



x. madre de deus azulejos

madre de deus azulejos
vermelhejos amarelejos
realejos de outro mar
se lisboa fosse minha
eu mandava realejar

xi. cruzei (amiga) o atlântico

cruzei (amiga) o atlântico
fabulei rotas e atalhos
destruí cadeias e cadeados
lavei os pés e a mortalha
nas águas do zêzere
abri o livro das vidas
sonhei com ulisses e penélopes
e me impus mais liberdade
mais alegria sem desprezar a tristeza
mais prazer sem desprezar a dor
mais vida e mais imaginação
e ainda um pouco mais de vida
sem desprezar o convite da morte
sorridente e cotidiano

não me importava se a casa
que diziam ser de camões

era ou não a casa do poeta às margens do zêzere
camões em algum tempo
há de ter tido uma casa um leito um abrigo
um lugar de trégua um lugar de serviço
e um lugar de estar

fosse ou não aquela a casa de camões
às margens do zêzere
eu estava feliz
a mulher que me levava
de mãos dadas
partilhava o sonho e a viagem
:
poetas são caramujos
e podem ser borboletas e lagartas
levam casas nos bolsos
nos chapéus e nas asas

xii. pela baixa e pelo alto

pela baixa e pelo alto
eu tenho andado
apaixonado
frequentador do chiado
e do café a brasileira
frequentador do rocío
e da pastelaria suíça

abraçado à boa liz
saúdo dom pedro iv
o primeiro do brasil
e rio quando ela me diz
que o seu corpo de bronze
é de maximiliano
o imperador do méxico

reinvento lisboa
escadas e ladeiras
bondes e elevadores
muralhas e ruínas vivas
sobejos de terremoto
entre beijos e desejos
e um grande amarémoto

a boa liz me comove
e revela outra-cidade
ruas de ouro e de prata
filigranas de lisboa
no bairro alto e moderno
beijo a face do pessoa
e seu bronzeado eterno

quem dera meu beijo acordasse
o poeta de seu sono
meu beijo me aquece
mas não aquece o poeta
faz frio e ele continua lá
poeta duro impassível
poeta cara de livro e de metal

dói ver o poeta sentado
preso imobilizado
olhar vago e vazio
dirigido para o nada
será que o poeta
exposto ao tempo
aceita uma cortesia?

ofereço-lhe meu cachecol
serpente que desde menino
trago enrolada no pescoço
serpente que me fez ser gente
o poeta continua indiferente
sento-me ao seu lado
será que ele me presente?

toco o dorso da sua mão
seus dedos de bronze brilham
sem a pátina do tempo
polidos por zilhões de toques
beijo sua mão gelada
e sem movimento
ele me revela:

o adormecido no bronze
e desejoso
do beijo
de acordar
sou eu mesmo
sou eu
sou eu mesmo

xiii. estala a liberdade

estala a liberdade
na madeira da lareira
na fogueira do quintal

no corpo
da mulher e do homem
é poesia

mesmo em dias e noites de chumbo
está lá
sem se preocupar com nuvens

a liberdade
é
estrela

xiv. ó senhora do olival e da minha vontade

ó senhora do olival e da minha vontade
dama do lotação e dos meus sonhos
baiana do cantagalo
afrodite da maré e do parque de madureira
cabocla do pavão-pavãozinho
doce flor
mel da flor do borel
ísis da bicicleta enferrujada do leblon
sereia de todas as praias
maya das praças mercados e morros do rio
janela do meu capítulo

ó senhora de aparecida
morena desaparecida
iara do rio carioca e de outros rios
ó passista inspiração de todas as passistas
ó porta bandeira de todos os mestres salas

ave negra linda bela e poderosa
ave rainha de todas as baterias
ave mulher dos meus sonhos
ó senhora que alegra a vida
dádiva do meu cotidiano

tomara coroa bem amada tomara
tomara rainha do tabuleiro tomara
tomara que eu viva e viva
sabendo que a vida não morre
quem morre é o corpo do passarinho
tomara querida investida de amor com asas
estou pronto para morrer
de felicidade e carinho
leve e livre nos teus braços
ó senhora do olival e da minha vontade

xv. a dama da imortalidade

a dama da imortalidade
já não mobiliza desejos
que viram cavernas e lanternas
pelo avesso

ser imortal
e ser si mesmo
para sempre
e o tempo todo
é um desperdício
é uma loucura
é uma chatice
 não
convém celebrar

xvi. há uma guitarra cigana

há uma guitarra cigana
tangendo vaga-lumes de memória
há uma cigarra gitana
vencendo o encanto do inverno
alma vasta há uma lenda
fazenda de inventar amores
de improvisado em pé de festa
como quem tira maria pra dançar

algo de novo invade a vida
um fado alegre a toca
o curso do amor vira rio estrela
e vaga como lamparina
em noites amenas e amadas
brilha amante acende apaga
vira revira desvira e se afoga
na canoa de maria - a bonita

pipocas de viagem

balanço

(~~~~~)

à distância
com o impulso
de pernas
e braços
ba lan ço me

faço um balanço
e nele ponho meu coração
de criança

alegria

sei me ba lan çar

são miguel e Lúcifer

o grande demônio de paris
devora homens mulheres
e tem vinte mil goelas

oitenta mil braços e pernas
quarenta mil olhos e orelhas
quarenta mil buracos de nariz

seu ventre espalhado
tem zilhões de quilômetros
de tripas subterrâneas

o grande demônio sem cu
vomita os transtornados
num antro qualquer propício

(queda)



museu guimet

i

tem peso
a cabeça de pedra de buddha
flutuando na noite?

ii

que peso pensas que tem
a cabeça de pedra de buddha impressa
na noite do cartão postal?

museu d'orsay

1. merci/crime

merci de ne pas toucher les objets exposés. même si vos mains sont parfaitement propres, la peau transporte des substances organiques dont le contact répété est nocif pour les sculptures.

27 de junho de 2002. museu d'orsay.

legenda

james prader (genève 1792 - bougival 1852)

sapho

marbre

exécuté après l'exposition d'un bronze demi-grandeur au salon de 1848 et de 1852.

2. crime/merci

[cinco versões de legendas, sendo uma original e quatro apócrifas]

1^a.

agradecido por não tocar os objetos expostos
mesmo que vossas mãos estejam perfeitamente
limpas

a pele (humana) contém substâncias orgânicas
cujo contato repetido é nocivo às esculturas

2^a.

cuidado

para o seu próprio bem

não toque nas obras

muitas são vampiras

outras estão contaminadas

com vírus bactérias e agentes químicos

e algumas outras

estão especialmente carregadas de destruição

cuidado

não toque

3ª.

agradecido por não tocar
há um gênio aprisionado nesta obra
e seu toque pode libertá-lo

4ª.

não se deixe tocar
o universo dessa escultura
pode sequestrar sua mão
e sua alma

5ª.

conselho de amigo
:
não toque
dos três que tocaram
:
o primeiro virou estátua

o segundo ficou prisioneiro do toque
e vive no cárcere do corpo
de um conservador de museu

o terceiro virou poeta
e vive nas ruas
beijando com oceânica ternura
todas as esculturas que encontra

por tudo isso
não toque

grafites

i - memória de riso alto: literatura de metrô

a frase é minha
ninguém tasca
eu vi primeiro

ela estava lá me olhando e piscando
na parede da caverna do metrô:

existirá vida antes da morte?

ii - teatro nacional (trocadero)

museu do homem

no mural assinado por norbone

[à direita de quem olha]

:

a arte morreu não consuma o seu cadáver.

iii - teatro nacional (trocadero)

museu do homem

no mural assinado por norbone

[à esquerda de quem olha]

:

a arte está viva volte-se para ela.

iv - teatro nacional (trocadero)

museu do homem

em frente ao mural
assinado por norbone

:

a arte somos nós
nossa força e nossa voz

olhar a janela

?

por quem choram
esses salgueiros

?

a pergunta é de todos
a resposta é minha

choram por mim
e eu por eles

tristes
salgueiros

é bom saber chorar
é bom poder chorar
e ter saudades

(~~~~~)

olhar a mesma janela

aqueles salgueiros
choram
pelos olhos que não têm
e pelos que não têm
olhos de chorar

choram
e sem medo da morte
apostam as folhas e a vida
na sorte
na luta
dos *sens papiers*



manhã no mundo

clara manhã

o sol se espreguiça

cheiro de café novo invade o mundo

segredo

acordar e dormir

acordar de novo

dormir e acordar

e passar o dia

sem-fa-zer-ab-so-lu-ta-men-te-na-da

eis o segredo da vida

acordar

a hora em que o sono me deixa não importa
a hora da morte da noite
também não importa
tão pouco importa a hora
em que o sol monta o nascente

o dia em meu horizonte amanhece após o sono
no chuveiro
e se confirma no primeiro gole de água
após o banho

frequentemente
dependendo da anima
tudo pode ser diferente
e o diferente
pode ser recorrente
e o amanhecer pode ser imprevisível
entre pernas pés braços mãos
trancos dorsos e beijos

escolhas em paris

caminhando na rua de mãos dadas e passos
combinados
entre a lembrança de uma canção e outra
ângela (meu anjo baudelairiano) falava bem alto

:

essa cidade é minha
aqui você pode

escolher

entre andar

a olhar o chão

tentando

evitar

pisar

a merda do cão

e

andar

a olhar pra frente e pro alto
coluna ereta
cabeça erguida e esperta
inventando histórias
conversando com o vento
descobrimdo flores folhas e frutos no céu
imaginando que arte e merda combinam
mas

é bom que você saiba
– dizia ângela –
toda escolha
tem um preço

beij ^o
é já
perder-te

gueixa

ginja em Brasília

i

gueixa e eixo
sem ela a vida me deixa
com ela ganho asas

ii

mãos olhos pés ginga
boca nariz orelhas
o toque da gueixa enobrece o eixo

iii

a gueixa é ginja
- com elas ou sem elas -
n vezes é ninja

iv

olho a gueixa
fecho os olhos
deixo o eixo lá

abro os braços

v o o

v o o

v o o

v

as artes da gueixa
mudam o mundo
é ela quem voa

livre

livre

livre

vi

entre as pernas da gueixa
florescem ameixas
ginjas e cerejas



gueixa

minha mulher querida
descansa
ligeiramente adormecida

sua cabeça pequena
pousa
suave em meu colo

invoco todos os pássaros
passíveis
de encantar seu sono

ela finge que dorme
ela dorme
ela dorme como esfinge

minha mulher querida
repousa
sua alma leve em mim

o deus dos ventos me toca
e eu sopro
as folhas dos seus cabelos

toco seus cabelos
com o vento
das canções da flauta doce

ela me tem ofertado
poemas
e me tem amado tanto

ela me tem amado tonta
louca
inebriada em seu próprio amor
tanto amor ela me tem dado
que ao seu lado
sou melhor que sou

ela é poesia
em carne viva
poesia em pessoa

alguns dos seus poemas
são pássaros que passam nas trilhas do céu
pássaros que cantam e voam
no quarto na sala na cozinha e no banheiro
pássaros que trazem mensagens
pássaros que nos cobrem e aquecem

outros poemas
são borboletas lagartas abelhas aranhas formigas
e peixes voadores
outros são beijos
flores de beijos
e mais beijos
um mar de beijos
que afogam as dores
e afagam o corpo

outros poemas são concretos
sonetos
trovas trovões
haicais poetrix
redondilhas quintilhas sextilhas
e alexandrinos iluminados
e martelos agalopados
e cocos de embolada

minha mulher querida
é sábia
dorme e sabe que dorme

eu

sou sabiá laranjeira
e quero servi-la

como gueixa

poética do entre

entre jovens poetas

entre jovens poetas
sou onda nado nódoa
e me repito

e me repito

e me repito
e me repinto
e sempre me repinto

jasmim do poeta

i

no jardim da amizade
o amor não jaz
o amor é jazz

ii

em você
em mim
jazzmim

cosmício

no precipício era a poesia
e o poeta
era feito de eus

pedala poesia

pedala poesia
pedala pedala
e dribla a morte

no encontro do poema perdido

no encontro do poema perdido
há mais poesia
que no poema achado

ismos

ismos
são abismos
sem poesia

ando a esmo

ando a esmo
vendo no outro o mesmo
e no mesmo o abismo

milagre

i

milagre
a lágrima
me alegra

ii

a alegria
da galeria
é o algo do lago

iii

a poética da lágrima
faz
milagres

iv

olho lírios

olhar

alivia

v

livia olha
oferece lírios
dê lírios

ouve as cigarras

ouve as cigarras
em coro elas chamam
a chuva

elas fazem cover
das canções que meu amor canta
no chuveiro



canção da praça onze

canção da praça onze

canto como quem conversa
com flores do campo
da memória
e se ventila na praça
com o leque dos dedos

além de melodias e melodramas
canto as damas da noite úmida e tropical
garoa de afetos garotos e garotas
chuva imprecisa de beijos
procissão museu do cortejo carnaval

canto o rio
que continua lindo hidra e híbrido
mestiçagem de paz e guerra
paraísos e infernos
que deságuam no mar rio

caboclagem de rios

carioca (ou dos caboclos) maracanã

campinho fontinha **banana podre**

laranja bichada

papa-couve

cachoeira cascata **cascata de jaca**

méier comprido acari

jacaré ninguém andarái

perdido orfanato sanatório

paineiras valqueire lagoinha

estrela cabeça rainha

catarino caranguejo caldeireiro cambuí

são manuel

são joão

são joão de meriti

anchieta agostinho lucas joana

jacó joana inferior e dona eugênia

trapicheiro salgado escorremão

dos cachorros dos macacos das bananas
dos frangos dos urubus das canoas
das tintas das pedras
do pau do cabral
do registro do algodão
da bota do lúcio
do emídio do felizardo
do pires do picafumo
da prata do mendanha
do comando
das almas das almas das almas das almas das almas

rio e também posso chorar
um rio

timbó faria **faria timbó**
timbó superior
guandu
guandu sapopemba
guandu piraquara
carioca irajá catumbi

sapopemba guandu
maracanã maracanã maracanã maracanã maracanã
arapogi sarapuí
iguaçu sarapuí iguaçu
iguaçu pilar (*in memoriam*) iguaçu
sapopemba sarapuí
calogi sapopemba andaraí
jequiá berquió capenga
quitungo
sapopemba
sapucaí sapucaí sapucaí
sapopemba guandu
guandu carioca
guandu sapobemba
sapucaí
sapucaí
sapucaí
e outros mântricos rios
afluentes da praça onze

sinuca de beco

rios rias e ruas
canto como quem não quer
nada
além de mameluquices
cafuzagens mulatices
caboclagens e negritudes
que deságuam no mangue
(na vida e na morte da praça onze)

canto como quem não esquece
a voz de tom solene
:
a data onze de junho de 1865
nomeia a praça
e o desejo de celebrar a memória
da guerra e da vitória
do império brasileiro
na batalha naval do riachuelo

canto contra a guerra
contra o império escravagista
estou formado ao lado de mario de andrade
no bloco dos pacifistas intransigentes

quando leio a sorte dos pobres
da juventude negra e índia
no sangue derramado nas ruas rias e rios
nos morros favelas e asfaltos
nas avenidas vias vielas e veias
no campo nas aldeias
e nas cadeias da américa latina
olho para mim e na memória do corpo
vejo mãe pai avós avôs tias tios e irmãs
vejo amigas amigos
(infância adolescência)
mobilizo afetos

quando leio a sorte
de homens e mulheres de ambição sem freios
no couro dos sapatos carteiras cintos e bolsas
nos fios dos tecidos de indumentárias impecáveis
na borra do café
nos copos de coca-cola guaraná água de coco
e whisky sem gelo
mobilizo gestos de revolta e rebeldia
e canto contra banqueiros abutres
contra empresários e políticos corruptos
que há séculos e séculos
sangram sociedade e estado
em nome do mercado
e dos lucros sem fim sem fim sem fim sem fim sem fim

canto contra os burgueses vorazes
e a mediocridade da classe média
que passeia sua indignação verde e amarela
pela avenida principal e bem iluminada da cidade
e depois vai dormir nas cobertas da paz

a sorte da classe média
poderia ser lida em sonhos de consumo
em desejos de se deitar no colo dos mais ricos
mas sua sorte também poderia ser lida
em projetos que criam utopias e se enamoram
e procriam com os mais pobres

não
não vou ler a sorte da classe média
vou cantar

canto como quem reconhece
a presença de crianças encantadas
de origens etnias e nações distintas
convivendo na mesma praça
há uma revolução no passado
e ela há de chover no presente

pelas tabelas

vidas
múltiplas vidas
vindas do largo de são francisco
da cinelândia
da treze de maio
como criança perdida
bolada
desgovernada
perdida
batendo cabeça
nas tabelas de meios-fios

passando pelo largo da carioca
pela rio branco
museu nacional de belas artes
teatro municipal
palácio pedro ernesto
biblioteca nacional

(vejo tudo
não vejo nada)

cinelândia de novo
evaristo da veiga
república do paraguai
república do chile
lavradio
arcos da lapa
mem de sá
circo voador
fundição progresso
cruz vermelha
museu da polícia civil

(libertem nosso sagrado
libertem nosso sagrado)

chafariz do lagarto
sambódromo da marquês de sapucaí
frei caneca
visconde do rio branco
tiradentes
carioca
e largo de são francisco

(vejo tudo
não vejo nada)

encharcada de ausência
passando pela uruguaiana
pela sete de setembro
quinze de novembro
arco do teles
primeiro de março
assembleia
castelo
castelo de novo
são José
assembleia de novo
passando de novo pelo largo da carioca
tiradentes
campo de santana
rio Comprido
e frei caneca

(liberdade

liberdade

abre as asas

sobre nós)

passando pela pinto de azevedo
e de novo pela pinto de azevedo
chorando e clamando pela mãe

mãe

mãe mãezinha eu te amo

mãe mãezona eu te amo

eu-te-amo-mãe-e-tenho-um-muiraquitã

cabeça de bronze

negritudes mulatices cafuzagens mameluquices e
caboclagens
a américa é aqui
a áfrica é aqui
a europa é aqui
a ásia é aqui
a oceania é aqui
é aqui na palma da mão
que se concentra a humanidade

tupis guaranis e todos os povos originários
africanos escravizados e africanos livres
portugueses e espanhóis
alemães e italianos
poloneses e franceses
árabes judeus e ciganos
coreanos e japoneses
chineses e indianos
inventaram a cidade
avenidas praças e ruas

ruas rios rias
ruas feito rios
ruas feito flores
ruas feito pedras
ruas feito nomes indígenas
estradas do sapê e da portela
veredas que passam em minha vida
levando levando
levando o meu coração
na pancada da bexiga no chão
tecendo loas sois e luas à sabina e à dandara
ao corpo de fogo e ao espírito do negro zumbi

zum bi ziva zum zum
capoeira mata um

na pancada da bexiga
na pancada do ganzá
e do terno de zabumba
canto com encanto
e invento
marimbaus tarimbaus berimbaus

e um campo com o nome de santana
que abriga cotias de memória

canto com saudades abissais de minha mãe
que morreu cedo
e não me viu cantar

zum bi ziva zum zum
capoeira mata um

na pancada da bexiga
na pancada do ganzá
e do terno de zabumba
canto angolas luandas lobitos benguelas
e as cabeças
de negros bantos
de negros iorubás
de negros gêges
de negros minas
e outras tantas cabeças de negros e negras
zum bi ziva zum zum
capoeira mata um

praça onze praça onze
surdos tamborins cuícas
cavaquinhos banjos e violões
repiques pandeiros e caixas
agogôs chocalhos e pratos
atabaques atabaques atabaques
surdos
atabaques
pandeiros e mais pandeiros
palmas palmas pés pés
e sopros de improviso
e um apto mestre e primo primo primo primo
praça onze praça onze
a memória do circo passa por aqui
na palma da mão

salve! palhaças e palhaços
atrizes atores e acrobatas
malabaristas contorcionistas
artistas da fome e comedores de baratas
salve! benjamin de oliveira
palhaço negro

o maior
o melhor
o extraordinário palhaço do brasil
que nasceu no dia onze de junho de 1870

a partir de hoje e para sempre
fica estabelecido por decreto poético
que a data de nascimento do palhaço
é que nomeia a praça onze

no precipício era o caos
e do caos nasceu o circo
no princípio era o circo
e o palhaço era deus

praça onze
escola municipal tia ciata
(pequena áfrica)
terreirão do samba

palco joão da baiana
(onde quase perdi o dente da sorte)
todo sentido e sentimento do mundo
toda liberdade sabedoria e compaixão
todo futuro
passa pela praça onze
e pela cabeça de bronze
do negro zumbi
é ela quem dança iluminada
dança
e acende vela
dança
e joga capoeira
dança
e vive encantada por aqui
cara a cara
com zumbi sabina dandara
ganga zona ganga zumba
e a presidente vargas

ruínas de vila dois rios

as ruínas do presídio são belas
belas também são as ruínas do templo
há muito em comum entre as ruínas
e mais ainda entre o presídio e a igreja

heras limos fungos líquens húmus
uma umidade herdeira de salivas
suores espermas sangues e mênstruos
confere às ruínas um cheiro humano

raízes se movimentam deslocam
pedras tijolos argamassas e rebocos
e cravam suas memórias
nas memórias dos alicerces

insetos
abelhas vespas e borboletas
baratas formigas e mosquitos
aracnídeos
ácaros carrapatos e escorpiões
viúvas-negras e aranhas-marrons

miriápodes
lacraias e gongolos
ou piolhos de cobra
buscam abrigo nas ruínas

as ruínas são abrigo acolhedor
de sonhos medos pesadelos desejos afetos e
memórias
por elas também perambulam minhocas
camaleões
cobras gatos cães-livres e passarinhos

há muita vida nas ruínas
há muita liberdade nas ruínas do presídio
e por isso elas são tão belas como as ruínas do
templo
e por isso o deus do tempo estendeu sobre elas seu
manto vazio

o que vejo e ouço nas ruínas
não são vozes luzes ou fantasmas
são encarnações do amanhã
ultimatos do devir

as ruínas do presídio agora
são antro de liberdade
canto de louvor e adoração
à libertação dos corpos

as ruínas do presídio são mais belas e mais fortes
que o presídio
em suas paredes estão inscritos amores ódios e
delírios
no chão ocultam-se cacos ossos unhas pelos peles
e cabelos
suas não-janelas estão vivas e dramatizam pelejas
poéticas

as ruínas do presídio não deixam esquecer
que a ruína da humanidade habita
presídios que aprisionam corpos
e templos que aprisionam almas

(prisioneiros prisioneiros)
(somos todos prisioneiros)

haverá chave
no chão vivo
das ruínas



não há nenhuma data para comemorar.
este livro foi publicado como uma
declaração de amor
(transitivo e intransitivo).
2019





mario chagas. ascendente em terra e pé firme na cidade. contra desejos de evadir-se entram em movimento a terracidade, a identidade com a matéria, com a terra, com o local em que se vive. filho de múltiplas poéticas, geografias, histórias e memórias suburbanas da cidade do rio de janeiro; filho de outras cidades. viver em relação social é complexo, é singular, é plural. viver na cidade é experimentar o contraditório. isto sou eu mergulhado no mundo (in-mundo), amante do mundo rural e da cidade, da ciência e da poesia, da montanha e da praia, da permanência e da mudança. em cada um de nós há de ter terra, água, fogo e ar e mais. isto sou eu em p-art-ilha.

é possível que quem conheça os livros anteriores aprecie o novo olhar que mario chagas propõe nesse volume, a partir do próprio título da obra. a terra e seus rios, a surpreendente poesia encantada das ruas e avenidas, as populações urbanas, seus ritos e maneiras de estar nas cidades vão povoar os poemas de um poeta atento a todas as possibilidades de novas leituras para os objetos de nosso cotidiano.

álvaro marins

pela pena do mario passou a dança dos povos originários
deixando seus rastros nos museus
onde quase não havia grandes novidades
mostrou os poemas-museus esparramados pelas cidades
nesta terracidade sem jamais descansar
seu poema pula salta brilha e assanha
não quer ter lugar
só quer pulsar

joana ferraz

